

DE KALAFE

Minha iniciação musical e aproximação estética com a música popular brasileira se deram principalmente a partir dos grandes festivais de música da televisão, em especial os da Record, nos anos 60 do século passado. Havia música no currículo da escola pública onde estudei em Franca, mas a professora era um horror, reacionária e totalmente improdutiva com seus solfejos e outras bobagens que só nos afastavam da música e do prazer que ela traz.

Foi nessa época, num dos vários programas musicais que as TVs Tupi e Record produziam que apareceu aquela mulher estranha, um riponga sem tirar nem por. Longos cabelos negros escorridos, um vestido tipo bata que mais parecia um saco que a cobria de cima abaixo (o oposto das minissaias em voga), só deixando ver os pés descalços e o rosto emoldurado por vasta cabeleira rebelde.

Era Denise de Kalafe, cantora nascida em Ponta Grossa (PR) em 1949. Começou sua carreira no final dos anos 60 acompanhada do conjunto “A Turma”. Seu primeiro compacto simples de rock trazia as músicas “Guerra” e “Mundo quadrado” pela gravadora Rozenblit, uma espécie de Motown dos alternativos brasileiros. A música falava de guerra, um protesto antimilitarista que aludia ao Vietnã (e ao Brasil), era a porção hippie e “flower-power” de Kalafe aparecendo. Logo o grupo se desfez e Kalafe seguiu carreira solo com independência e desvinculada da maioria dos movimentos que agitavam o período inicial daqueles tempos escuros de ditadura.

Sua figura, sempre descalça nos palcos, era marcante. Situada à esquerda no espectro político, ela se desencantou com o Brasil dos milicos e, antes que a barra pesasse, emigrou para o México. De Kalafe tornou-se uma estrela no México, que adotou como seu novo país mas é quase desconhecida no Brasil. Vendeu milhões de discos em toda a América Latina em estilo brega-romântica e faz trilhas para as novelas mexicanas, um sucesso estrondoso. Politizada, continua desenvolvendo atividades comunitárias e ambientais.

Conversando com meu irmão sobre a De Kalafe, se ainda estaria ou não viva (como vimos, está e muito bem-sucedida), ele contou uma história que resolvi apurar. Naquela época, anos 60, De Kalafe teria vindo para a região várias vezes atrás de uma namorada em Ibiraci, pequena cidade mineira vizinha a Franca.

Perguntei: quem sabe, um dia, descobriremos quem era a namorada da Kalafe? Por via das dúvidas (curiosidade mata), pedi para os professores Marcial e Sidnei, que são de Ibiraci, para investigar. O resultado: é verdade, ela esteve em Ibiraci três ou quatro vezes com sua amiga ibiraciense, mas não vou contar o que aconteceu nem quem era, isso é coisa de fofoqueiro e o assunto é do século passado.

Mauro Ferreira é arquiteto